

## A CORRENTE MATERIALISTA HISTÓRICA DA TERAPIA OCUPACIONAL: ESTUDO DE CATEGORIAS E TEORIZAÇÕES MARXISTAS PARA A PROFISSÃO

The Historical Materialism Current of Occupational Therapy: study of marxist categories and theories for the profession

La Corriente Materialista Histórica de la Terapia Ocupacional: estudio de categorías y teorías marxistas para la profesión

**Bruno Souza Bechara Maxta**   
<https://orcid.org/0000-0001-8946-4992>  
Universidade Federal de Minas Gerais  
Departamento de Terapia Ocupacional  
Belo Horizonte, MG, Brasil

**Nathália Gontijo Cançado Araújo**   
<http://orcid.org/0000-0002-9724-5316>  
Universidade Federal de Minas Gerais  
Departamento de Terapia Ocupacional  
Belo Horizonte, MG, Brasil

Maxta, B.S.B & Araújo, N.G.C. (2022). A Corrente Materialista Histórica da Terapia Ocupacional: estudo de categorias e teorizações marxistas para a profissão. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 6(4), 1279-1294. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto50501

### Resumo

**Introdução:** O resgate da forma de pensamento e método críticos da Terapia Ocupacional, conhecida como Corrente Materialista Histórica da Terapia Ocupacional (CMHTO), advinda no Brasil nos idos de 1980, faz-se necessário ao debate franco que pretendemos contribuir sobre a perspectiva crítica da Terapia Ocupacional. **Métodos:** Estudo teórico sobre as obras nacionais centrais da discussão materialista histórica e dialética na Terapia Ocupacional. **Objetivo:** Apresentar as categorias fundamentais da CMHTO e parte da sua teorização no debate epistemológico da Terapia Ocupacional no Brasil. **Resultados:** O escopo epistemológico da Terapia Ocupacional, a finalidade e forma de intervenção profissional foram os objetos centrais do debate crítico da CMHTO a partir das obras de Karl Marx e Friedrich Engels sob as categorias trabalho, produção capitalista, mercadoria, alienação, hegemonia, ideologia, consciência de classe, práxis e luta de classes. A crise do papel profissional manifestou as contradições da profissão diante da incapacidade de responder às necessidades sociais e de saúde da classe trabalhadora. O método materialista histórico e dialético teorizado pela CMHTO, ainda que primário, aponta para a superação da abstração sobre a ocupação humana e o caráter funcionalista das práticas terapêuticas ocupacionais que sustentam a reprodução à ordem do capital. **Conclusão:** O debate crítico epistemológico da Terapia Ocupacional continua em aberto. A reconstrução da CMHTO responde ao chamado da nossa base profissional combativa à forma atual do capitalismo sob as novas e conhecidas questões e necessidades da classe trabalhadora.

**Palavras-chave:** Terapia Ocupacional. Marxismo. Capitalismo. Epistemologia. Brasil.

### Abstract

**Introduction:** The updating of the Occupational Therapy's critical thinking and method, known as the Historical Materialism Current of Occupational Therapy (CMHTO), arising in Brazil in the 1980s, is necessary for the open debate that we intend to contribute to the critical perspective of Occupational Therapy. **Methods:** Theoretical study about historical and dialectical materialist discussion in Brazilian Occupational Therapy. **Objective:** To present the fundamental categories of the CMHTO and part of its theorization in the epistemological debate of Occupational Therapy in Brazil. **Results:** The epistemological scope of Occupational Therapy, and the purpose and form of professional intervention were the central objects of the CMHTO debate from Karl Marx and Friedrich Engels under the categories work, capitalist production, commodity, alienation, hegemony, ideology, class consciousness, praxis and class struggle. The professional role crisis manifested the contradictions of the profession in the face of its inability to respond to the social and health needs of the working class. The historical and dialectical materialist method theorized by the CMHTO, although primary, point to the overcoming the abstraction about human occupation and the functionalist character of occupational therapy practices that sustain the reproduction to the capital. **Conclusion:** The critical epistemological debate in Occupational Therapy remains open. The reconstruction of Brazilian CMHTO answers the call of our combative professional base to the current form of capitalism under the new and known social and health issues of the working class.

**Keywords:** Occupational Therapy. Marxism. Capitalism. Epistemology. Brazil

**Resumen**

**Introducción:** El rescate de las formas críticas de pensamiento y método de la Terapia Ocupacional, conocida como la Corriente Materialista e Histórica de la Terapia Ocupacional (CMHTO) brasileña en la década de 1980, es necesaria para el debate franco que pretendemos contribuir a la perspectiva crítica de la Terapia Ocupacional. **Objetivos:** Presentar las categorías fundamentales del CMHTO y parte de su teorización en el debate epistemológico de la Terapia Ocupacional brasileña. **Método:** Estudio teórico sobre las obras centrales de la discusión materialista histórica y dialéctica en Terapia Ocupacional. **Resultados:** El alcance epistemológico de la Terapia Ocupacional así como la finalidad y la forma de la intervención profesional fueron los objetos centrales del debate de la CMHTO a partir de Karl Marx y Friedrich Engels bajo las categorías trabajo, producción capitalista, mercancía, alienación, hegemonía, ideología, conciencia de clase, praxis y lucha de clases. La crisis del papel profesional puso de manifiesto las contradicciones de la profesión ante su incapacidad de respuesta social y sanitaria para la clase trabajadora. El método materialista histórico y dialéctico teorizado por el CMHTO, aunque primario, apunta superar la abstracción sobre la ocupación humana y el carácter funcionalista de las prácticas profesionales que sustentan la reproducción de la orden del capital. **Conclusión:** El debate epistemológico crítico de la Terapia Ocupacional sigue abierto. La reconstrucción de la CMHTO brasileña responde al llamado de nuestra base profesional combativa a la forma actual del capitalismo bajo las nuevas y conocidas cuestiones sociales y de salud de la clase trabajadora.

**Palabras clave:** Terapia Ocupacional. Marxismo. Capitalismo. Epistemología. Brasil.

## 1. Introdução

*Dedico este trabalho à dúvida e à resistência de terapeutas ocupacionais que, apesar da alienação de sua prática e do espaço institucional, souberam abrir o debate e aprofundá-lo fora do espaço terapêutico específico. (Soares, 1991, p. 8)*

O resgate e a atualização da forma de pensamento e método críticos<sup>1</sup> da Terapia Ocupacional conhecida como Corrente Materialista Histórica da Terapia Ocupacional (CMHTO), advinda no Brasil nos idos de 1980, faz-se necessário ao atual debate sobre a perspectiva crítica da Terapia Ocupacional. Reafirmamos Barreiro et al (2020) acerca da importância de retomarmos as reflexões desta corrente, no entanto, na intenção de compreendermos algumas das categorias fundamentais do Materialismo Histórico e Dialético (MHD) nas obras de Karl Marx e Friedrich Engels na sua relação com as categorias presentes nos materiais de Francisco (1988), Pinto (1990) e Soares (1991) para melhor apreensão dos movimentos históricos de classe, constituintes da profissão não somente no Brasil.

Este artigo contribui às teorizações de Bezerra e Trindade (2013) sobre as formas de inserção do profissional terapeuta ocupacional na divisão social do trabalho mediadas pelas políticas socioeconômicas do Estado capitalista; ao debate presente no ensaio de Shimougui e Costa-Rosa (2017) que bem trabalharam as categorias trabalho humano e alienação no que chamaram de atravessamentos do modo de produção capitalista nas práticas de terapeutas ocupacionais (em nossa compreensão, determinações ou elementos determinantes da constituição profissional) por meio dos movimentos de apropriação material e subjetiva do trabalho humano, logo da expropriação da vida prática e criativa pelo capital. Ainda, ao debate de Godoy-Vieira et al (2020) acerca da categoria emancipação ocupacional a partir da análise crítica dos processos de trabalho de terapeutas ocupacionais.

<sup>1</sup> A concepção crítica de pensamento e método na Terapia Ocupacional assumida neste manuscrito não trata do exercício de posição vulgar de crítica sobre a epistemologia da profissão, mas aquela pautada na defesa da investigação implicada sobre os seus objetos a partir da apreensão da sua existência real e efetiva de forma a possibilitar a sua teorização, ou exame racional, na dinâmica das relações sociais dos processos históricos de seu tempo. (Netto, 2011)

Trata-se de um movimento acadêmico de retomada dos pilares teóricos e práticos da CMHTO, sustentados no e pelo método dialético de Marx, sob o cuidado de valoriza-los e baliza-los no debate ontológico e epistemológico da Terapia Ocupacional e seus raciocínios profissionais. Entendemos que os acúmulos e as potencialidades teórico-práticas da CMHTO podem contribuir para uma melhor apreensão dos elementos do modo de produção capitalista na determinação da constituição da Terapia Ocupacional, portanto dos fundamentos epistemológicos de seu tempo, das suas intencionalidades técnicas, sobre as questões e problemáticas da vida prática da pessoa e/ou da sua coletividade, com aberturas para a identificação de contradições entre a os nossos domínios e processos, logo de redirecionamento técnico-científico de nossas práticas às necessidades e lutas da juventude e da classe trabalhadora também organizada nos movimentos sociais pela ampliação de direitos e seguridade social nos limites da ordem do capital.

Para tanto, são objetivos apresentar as categorias fundantes da CMHTO e parte das teorizações que estiveram presentes no debate epistemológico crítico marxista da Terapia Ocupacional no país os quais restabeleceram os conceitos e os instrumentais comuns da profissão daquele tempo sob novos propósitos - por uma prática social e política engajada sobre os problemas sociais e de saúde gerais e particulares da população, logo combativa ao capitalismo. sociais e de saúde gerais e particulares da população, logo, combativa ao capitalismo.

## **2. Métodos**

Estudo teórico sobre as categorias presentes nas obras da Terapia Ocupacional referenciadas pelo materialismo histórico e dialético, produzidas no contexto brasileiro, nas décadas de 1980 e 1990 a partir da seguinte pergunta de investigação: sob quais categorias marxistas foram desenvolvidas as teorizações da assim chamada Corrente Materialista e Histórica da Terapia Ocupacional no Brasil?

O plano teórico e a discussão categórica que estruturou a assim chamada CMHTO foram investigados por meio de pesquisa bibliográfica (Gil, 2008), logo pela análise cuidadosa dos objetos e das categorias que teceram uma teorização crítica sobre a Terapia Ocupacional e seu método de intervenção com a classe trabalhadora sob o capitalismo.

Quanto ao escopo prático da pesquisa bibliográfica, o estudo assumiu, primeiramente, o levantamento e seleção bibliográfica acerca do tema e objeto de investigação. Consideramos as obras Terapia Ocupacional de Berenice Rosa Francisco (1988), Terapia ocupacional: Lógica do capital ou do trabalho?: retrospectiva histórica da profissão no Estado brasileiro de 1950 a 1980 de Léa Beatriz Teixeira Soares (1991) e As correntes metodológicas em terapia ocupacional no Estado de São Paulo (1970—1985) de Jussara de Mesquita Pinto (1990), pois foram materiais que deram centralidade e sustentação ao debate crítico epistemológico materialista e histórico da profissão a partir das realidades e do trabalho nos serviços assistenciais no país daquele tempo. Na sequência, foram assumidas leituras reflexivas sobre

seus assuntos e seus conteúdos, ou o exame cuidadoso das categorias presentes na sua relação com o marxismo. Daí, buscamos explicar as categorias e a sua tessitura nas teorizações trazidas entre os materiais para a Terapia Ocupacional. A síntese integradora, ou o produto do processo e investigação, é apresentado nos resultados e discussões buscando uma aproximação aos objetivos propostos pelo estudo (Lima, Mito, 2007).

### **3. Resultados e Discussão**

#### **Sobre o Materialismo Histórico e Dialético presente em Karl Max e Friedrich Engels**

A concepção de materialismo histórico assumido pela CMHTO é fundamentada na teorização de Karl Marx e Friedrich Engels sobre as condições históricas de produção e reprodução da vida humana. Identificamos na obra *Ideologia Alemã* (Marx & Engels, 2007), particularmente nos fragmentos intitulados *Feuerbach e História*, e *I. Feuerbach Fragmento 2*, importantes elementos que merecem uma breve consideração face ao balizamento teórico e metodológico construído na Terapia Ocupacional.

O primeiro deles se refere à concepção do mundo dos homens. Em Marx e Engels, a realidade humana é produto dos homens reais e concretos, constituída sobre uma base material correspondente ao seu tempo que se transforma na medida em que os homens agem sobre ela. Sob esta concepção, as necessidades humanas vitais - alimentação, a vestimenta, a moradia - se manifestam enquanto necessidades centrais para a manutenção dos homens vivos. Elas orientam o quê, como produzir, as formas de distribuição dessas realizações e a estrutura das relações sociais que as condicionam. Assim, os homens são concebidos sob as suas condições materiais da vida, mediadas por suas relações com a natureza e entre si, no curso da história.

Sob tais balizas, a história é demonstrada pelo movimento real e concreto da existência humana<sup>2</sup>. A produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, em outras palavras, a produção da vida material imediata, é ato histórico fundamental da humanidade na medida que a sua produção conforma a base material para responder a necessidades outras - o que inclui a renovação da própria vida, ou seja, a procriação de novos seres humanos sob determinada relação entre si.

A consciência e a linguagem dos homens do mesmo modo se constituem sob base material das relações sociais. Elas advêm da "necessidade de intercâmbio com outros homens" (Marx & Engels, 2007, p.35), a princípio, enquanto "mera consciência do meio sensível mais imediato e consciência do vínculo limitado com outras pessoas e coisas exteriores ao indivíduo que se torna consciente" (Marx & Engels, 2007, p.35), mas que se aprimoram na produção material e de trocas entre os indivíduos. Embora não esteja desenvolvida nestes fragmentos, a categoria trabalho, em Marx e Engels, é a forma prática da realização material humana unicamente pertencente aos homens; é atividade orientada a uma finalidade - a

<sup>2</sup> Em síntese, Marx criticou o idealismo da filosofia Hegel que entendera o mundo real e concreto como manifestação da razão absoluta. Para Marx, são as condições materiais nas quais os seres humanos vivem que determinam as representações e conceitos acerca dessa realidade. (Cotrim & Fernandes, 2016)

satisfação de necessidades humanas de tipo qualquer - realizada sob determinado meio natural e base material (Marx, 2013).

É pressuposto o trabalho como um processo de realizações cujo desenvolvimento do que se produz. Sua finalidade, forma e meios de intercâmbio modificam a realidade humana e com esta, o pensar e os produtos do pensar dos indivíduos. Segue daí que "não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência" (Marx & Engels, 2007, p.94), em outras palavras, é na relação dos homens com a natureza e dos homens entre si, no processo de vida real dos homens, que a consciência adquire formas diferentes da consciência material existente, mesmo que estas estejam, ou entrem, em contradições com as relações sociais que as condicionam.

Isto, porque as relações sociais são pensadas sob a forma de cooperação dos indivíduos em suas condições, modos e finalidades materiais. O modo de distribuição dos elementos do processo de trabalho (meio de produção, capacidade de trabalho, matéria-prima) determina tal forma de cooperação. Daí que uma determinada forma de cooperação estabelece processos de trabalho, cujos conjuntos constituem as forças produtivas acessíveis aos homens as quais determinam também tal forma de cooperação, as relações sociais de seu tempo. Entende-se, portanto, que o conjunto das forças produtivas conformam um determinado modo de produção social. E tal modo de produção social, por se constituir na relação direta com uma determinada forma da cooperação se desenvolve e, necessariamente, assumirá sempre novas formas em decorrência das dinâmicas das relações sociais que traçam a história.

Logo, o ponto de partida de Marx e Engels para o estudo e elaboração da história, por conseguinte, das questões presentes na vida humana, é o fenômeno - o fato - que deve ser aprendido em conexão com os elementos que conformam o modo de produção do seu tempo. Uma passagem do fragmento Feuerbach e História ilustra a concepção materialista e dialética na apreensão de um momento da história sob os processos reais de produção, e das formas por estes processos engendradas de organização social sob o advento e as contradições de classe:

No desenvolvimento das forças produtivas advém uma fase em que surgem forças produtivas e meios de intercâmbio que, no marco das relações existentes, causam somente malefícios e não são mais forças de produção, mas forças de destruição (maquinaria e dinheiro) - e, ligada a isso, surge uma classe que tem de suportar todos os fardos da sociedade sem desfrutar de suas vantagens e que, expulsa da sociedade, é forçada à mais decidida oposição a todas as outras classes; uma classe que configura a maioria dos membros da sociedade e da qual emana a consciência da necessidade de uma revolução radical, a consciência comunista, que também pode se formar, naturalmente, entre as outras classes, graças à percepção da situação dessa classe; 2) que as condições sob as quais determinadas forças de produção podem ser utilizadas são as condições da dominação de uma determinada classe da sociedade, cujo poder social, derivado de sua riqueza, tem sua expressão prático-idealista na forma de Estado existente em

cada caso; é essa a razão pela qual toda luta revolucionária dirige-se contra uma classe que até então dominou (...) (Marx & Engels, 2007b, p. 41)

Nesta breve passagem, Marx e Engels demonstram a necessidade de conceber a história dos homens “no solo da história real”, no exame preciso do movimento dos elementos que constituem os fatos - neste caso, sob a breve consideração acerca do advento do modo de produção capitalista e da sua forma de produção material como a força motriz para a implementação de conjunto das criações estruturais, a exemplo do Estado e dos elementos ideológicos, como a religião, a filosofia, a moral, entre outros, no crivo das contradições da sociedade burguesa.

Sob o materialismo dialético de Marx e Engels, em seus fundamentos,

não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida (Marx & Engels, 2007b, p. 94).

Em suma, a ideia, termo filosófico de representação do real, sobre algo investigado “não é mais que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem” (Marx, 2013, p. 90); objeto pensado, analisado nos seus detalhes e formas de desenvolvimento, cuja exposição demonstra o seu lugar e movimento na realidade material apreendida.

### **O Materialismo Histórico no debate sobre a Terapia Ocupacional**

Esses dois fragmentos da obra *Ideologia Alemã*, entre outros presentes d’O *Capital* de Marx, sustentam parte dos alicerces de teorização assumidos pela CMHTO sobre as questões levantadas pelo campo no Brasil nas décadas de 1980 e 1990, a saber, acerca do escopo epistemológico e do papel profissional daquele tempo histórico. É certo que as particularidades dessas questões carecem de estudos no tempo presente, no entanto, foram os trabalhos de Berenice Rosa Francisco (1988), Léa Beatriz Teixeira Soares e Jussara de Mesquita Pinto (1990) que parte delas puderam ser desveladas sob a nascente perspectiva material e crítica marxista da Terapia Ocupacional<sup>3</sup>.

Francisco oferece um dos pioneiros exercícios de teorização crítica acerca do escopo epistemológico da Terapia Ocupacional na obra *Terapia Ocupacional*, mais exatamente no subtítulo *Atividade = criação, transformação*. Nesta seção, o termo *crise da estrutura teórica da profissão* foi ponto de partida para se buscar compreender a “questão não-desvelada” (Francisco, 1988, p. 54), a identidade do trabalho das terapeutas ocupacionais que se colocava - e ainda parece se colocar - em contradição com seu escopo teórico-instrumental-metodológico das ciências que o fundamentam<sup>4</sup>. Um dos seus argumentos

<sup>3</sup> É necessária a menção deste estudo à importante contribuição de Sandra Galheigo (1990) acerca do papel do Estado na legitimação da produção do saber e do poder na Terapia Ocupacional e ao estudo de Roseli Esquerdo Lopes (1991) que tratou da educação universitária em Terapia Ocupacional na relação com o modo de produção capitalista que a constitui. Ainda, à original e imponente contribuição de Maria Heloisa da Rocha Medeiros (2003) que desvelou a incorporação dos alicerces epistemológicos da Terapia Ocupacional no Brasil e suas limitações diante dos problemas sociais relacionados às questões da profissão; e a brevíssima, talvez, a primeira reflexão do campo sobre a questão da saúde na sociedade capitalista de Beatriz Ambrósio do Nascimento (1986).

enfrentou a neutralidade e o distanciamento das ciências sobre a realidade de intervenção da terapia ocupacional. Os métodos que integravam o escopo epistemológico da Terapia Ocupacional tendiam a separar o indivíduo do contexto em que vive, a retalhá-lo em suas múltiplas formas de capacidades “e com isso perdem de vista o homem real e concreto” (Francisco, 1988, p. 33).

A visão de homem foi assumida por Francisco na sua relação com o objeto atividade humana, ou seja, a atividade não biológica ou instintiva, aquela que se desenvolve como produto da consciência humana na transformação real e objetiva do mundo para satisfazer determinada necessidade, portanto, a atividade prática que se manifesta do trabalho (MARX, 2013) a partir da categoria práxis em Vázquez (VÁZQUEZ, 1977). Para este autor, “Toda práxis é atividade, mas nem toda atividade é práxis” (VÁZQUEZ, 1980, p.245), ou seja, a práxis é atividade que assume forma específicas e intenção transformadora sobre a realidade concreta.

O conceito atividade humana e as categorias práxis, trabalho e produção capitalista foram oferecidas ao plantel teórico da Terapia Ocupacional brasileira. A teorização de Francisco visou sustentar a profissão para a concepção material do ser humano, por consequência de “lida com um homem real, que apresenta conflitos advindos de um mundo da primazia do trabalho enquanto maior lugar onde se cristaliza a exploração humana” (FRANCISCO, 1988, p.55), do mesmo modo, buscando envolver o campo acadêmico que se consolidava no país para o “entendimento da atividade humana somente enquanto práxis (...) que leva o homem a lidar com sua realidade de vida, podendo assim promover a transformação de si mesmo e do meio social no qual está inserido (FRANCISCO, 1988, p.55)” e por consequência dos próprios métodos reducionistas em Terapia Ocupacional que se apresentavam limitados às demandas da população trabalhadora.

Sob tais balizas, Francisco defendeu o que conceituou de Modelo do Processo de Terapia Ocupacional Materialista Histórico, em suma, um conjunto de importantes apontamentos teóricos e práticos que visou instrumentalizar as profissionais na assistência e compor apontamentos metodológicos para uma nova formação profissional em Terapia Ocupacional. Nesta proposta de assistência crítica, a determinação social do processo saúde e doença, a necessidade do aperfeiçoamento democrático dos sistemas assistenciais e dos processos de terapia ocupacional, de caráter revolucionário, sobre as necessidades sociais e de saúde da classe trabalhadora fundamentaram as premissas de

um fazer que busca conscientizar os homens da opressão a que estão submetidos enquanto membros de uma sociedade classista. Um fazer que desvela as determinações sociais vividas, busca descobrir formas revolucionárias, mostra a contradição e o conflito da Saúde numa sociedade de classes (FRANCISCO, 1988, p.78).

Desta maneira, o processo de intervenção da terapeuta ocupacional deve estar “voltado às questões não apenas da disfunção, mas principalmente, do homem enquanto ser essencialmente social através do

<sup>4</sup> Na gramática da língua portuguesa, o plural dos nomes e adjetivos são formados no masculino quando há, pelo menos, um elemento masculino no conjunto. No presente artigo, mesmo reconhecendo a presença do gênero masculino na composição profissional da Terapia Ocupacional, os nomes “terapeuta ocupacional” e “trabalhadores” serão formados no gênero feminino em suas formas singular e plural.

entendimento (...) da sua atividade pratica" (FRANCISCO, 1988, p.55). Ainda, ao considerar a saúde como questão coletiva, orienta o profissional intervir com pessoas<sup>5</sup> em suas coletividades, compondo com elas os conhecimentos, os objetivos e os meios da intervenção. A atividade humana, assim é defendida como a "base real e material do tratamento" em que as pessoas conduzem as suas experiências práticas frente aos seus objetivos cabendo a profissional o favorecimento de "reflexões e discussões, na perspectiva de identificação e trato das questões conflitivas" (FRANCISCO, 1988, p.79). A ideia de democratização é marca presente nesta forma de processo de terapia ocupacional – guia de unidade de classe para um trabalho em saúde que atinja também a transformação das estruturas opressoras na sociedade.

Compreender, portanto, a terapia ocupacional sobre a ótica materialista da história é acreditar numa terapia que leva a uma conscientização de classe, é compreendê-la como instrumento de polarização e conscientização através da construção de um saber fazer inserido nas práticas, nas relações e nas experiências do cotidiano (FRANCISCO, 1988, p.80).

Pretendeu-se, com este conjunto de compreensões e instrumentais, apontar possibilidades para superar a fundamentação clínica originária da formação técnica da Terapia Ocupacional no Brasil que, sob a teorização de Soares (1990), se apresentava como reducionista e funcionalista, "não conseguia justificar os fracassos em programas reabilitacionais nem tampouco subsidiar a emergente intervenção em programas educacionais e de promoção da saúde pela terapia ocupacional" (Soares, 1991, p. 11). Soma-se a isto a difícil realidade da assistência à saúde no Brasil vivida pelas terapeutas ocupacionais atuantes nos serviços de reabilitação hospitalares e ambulatoriais particulares ou estatais mantidos pela Previdência Social, ou nas entidades beneficentes conveniadas ao sistema público nos idos anos 1980.

A questão da assim chamada "crise do papel profissional no Brasil" foi investigada minuciosamente por esta autora assumindo o "reconhecimento da inserção histórica e social da terapia ocupacional nas políticas sociais brasileiras, que delinearão determinadas práticas institucionais e enfoques terapêuticos" (Soares, 1991, p. 11). Para tanto, o referencial materialista dialético foi adotado sobre os dados do "processo de constituição e desenvolvimento dos serviços e cursos de formação de terapeutas ocupacionais no Brasil" somados a materiais empíricos de entrevistas realizadas com pessoas que tiveram destaque na formação de terapeutas ocupacionais. Ambos forneceram os elementos para a teorização sobre a constituição e realidade da Terapia Ocupacional no Brasil - apreendida no bojo das transformações da sociedade burguesa que se desenvolvia no país em meados do século XX.

Este estudo apresenta a mais extensa e significativa teorização na Terapia Ocupacional sobre a historicidade do homem - suas necessidades, realizações e contradições imanentes; sobre estrutura da sociedade de classes no modo de produção capitalista; sobre o papel e a transformação das ações do Estado nas políticas públicas as quais também condicionaram - e tendem a condicionar - a formação e a prática da Terapia Ocupacional.

<sup>5</sup> Do termo original *cliente*. O conceito cliente parece ter originado dos modelos profissionais oriundos das ciências psicológicas adotados por terapeutas ocupacionais em contraposição a ideia de paciente ainda presente em serviços ambulatoriais e hospitalares de saúde.

Soares (1990) qualificou a teorização acerca da concepção histórico-material do homem e sociedade corroborando com Francisco as balizas da concepção do homem como um "ser essencialmente social e histórico" (SOARES, 1990, p. 22) e com a incorporação da categoria práxis, também em Vásquez (1975), "como a atividade propriamente humana e essencialmente transformadora" (SOARES, 1990, p. 23), portanto como categoria de fundamentação para a Terapia Ocupacional.

Sua teorização avançou na correlação das categorias em Marx (2003) que balizaram a apreensão do processo de produção material na determinação das relações sociais capitalistas. Categorias como classes sociais, propriedade privada, forças produtivas, mercadoria, força de trabalho, exploração do trabalho, reprodução da força de trabalho, produção de mais-valor, processo de produção, jornada de trabalho e alienação foram, brevemente, constituídas e mediadas no intuito de, também, introduzir uma teorização sobre hegemonia em Gramsci (1980, 1981), buscando desvelar as contradições da prática da Terapia Ocupacional.

Sob tais categorias, as terapeutas ocupacionais não estão alijadas das relações sociais capitalistas (SOARES, 1990). Muito pelo contrário, elas também são instrumentalizadas pela ideologia dominante - na forma da ciência, e vendem a sua força de trabalho para o Estado ou para a fração burguesa da saúde que as oferecem determinados meios, instrumentos e finalidades para o trabalho. O caráter alienado do trabalho da terapeuta ocupacional, aqui assumimos Marx (2009) - o trabalho estranhado de quem o executa -, se faz presente visto que ele atende, em última instância, às necessidades do modo de produção capitalista, ou seja, à habilitação ou recuperação de força de trabalho a ser consumida em processos de produção ou de realização do mais-valor. Sob tais aspectos, a força de trabalho da terapeuta é reduzida a uma nova e importante mercadoria voltada à saúde humana, mais ainda para a vitalidade do capital.

Uma breve passagem destaca a mediação oferecida por Soares (1990) da categoria saúde na concepção de força de trabalho no processo de produção capitalista:

Na sociedade capitalista, onde a força de trabalho tornou-se a única propriedade do trabalhador, à saúde, o seu turno, se transforma numa qualidade da força de trabalho que possibilita maior produtividade e o próprio consumo no processo de extração da mais-valia (...) Ausência temporária ou não do atributo saúde penitência duplamente o trabalhador: de um lado, pelo sofrimento decorrente do processo patológico e, de outro, pela privação econômica resultante do não consumo da sua força de trabalho. No processo capitalista de produção, o cuidado de saúde se transforma de necessidade em meio de vida similar à moradia e alimentação; e, como meio de vida, cumpre a função de garantir a subsistência e reprodução da força de trabalho (SOARES, 1990, p. 41-42).

Isto posto, a saúde humana foi dimensionada por Soares (1990) enquanto questão para a Terapia Ocupacional considerando os elementos materiais da sua determinação e as limitações da intervenção profissional às frações da classe trabalhadora sob as balizas técnico-científicas que a fundamentava, ou em suas palavras, sob as “contradições inerentes ao atendimento da necessidade de saúde no modo de produção capitalista” (SOARES, 1990, p. 39).

É argumento que as ciências que amparavam a finalidade e a organização do trabalho da terapia ocupacional, advindas da reprodução e divisão técnica do trabalho capitalista na área da saúde da sociedade contemporânea, ao serem aplicadas no atendimento da força de trabalho e ao contingente do exército industrial de reserva, orientaram as terapeutas ocupacionais a reproduzirem à lógica do sistema de exploração de classe. A profissão cumpriu bem “um papel político-ideológico significativo, ao disciplinar e controlar a população excedente do capital” (SOARES, 1990, p. 45) sob os aceitáveis parâmetros ocupacionais à necessária reprodução da força de trabalho à produção capitalista - o que nos permitiu atender também um papel econômico significativo uma vez que o maior número de trabalhadoras habilitadas ou recuperadas ao mercado de trabalho favorece o rebaixamento da massa salarial e a sujeição desta classe às condições maiores de exploração.

Com Soares (1990), reconhecemos o papel de classe do Estado e a orquestração das suas instituições em tentar responder às questões do emprego, renda, educação e saúde da população. O reconhecimento e a oferta da terapêutica ocupacional nos serviços assistenciais previdenciários foram importantes e, evidentemente, não foi a única concessão de classe à autorizada exploração do trabalho.

Nas raízes da reabilitação no Brasil, a Terapia Ocupacional foi direcionada dos tradicionais serviços totais de saúde mental aos de reabilitação de acesso regulado. Em um primeiro momento, tais serviços estiveram voltados à fração trabalhadora, em Marx (2003), subsumida ao trabalho produtivo - aquele que produz o mais-valor quando da produção das mercadorias; e, em um segundo momento, às frações vinculadas ao trabalho improdutivo - a grosso modo, quando da realização do mais-valor produzido ou de sustentação das relações de produção, de burocracia estatal. Ao passo que a formação e a regulamentação da Terapia Ocupacional eram constituídas no lastro das contradições da acumulação do capital e dos interesses de classe no país, a profissão passou a responder a um conjunto maior da classe trabalhadora - a exemplo do atendimento às demandas das mulheres, dos jovens e das crianças em unidades públicas e privadas dos campos da educação e da cultura -, bem como às frações da pequena burguesia e da burguesia à independência nas atividades de vida diária entre outras questões versadas na socialização e na vida escolar, “constituindo-se praticamente como duas abordagens técnicas correspondentes à distintas classes e funções sociais” (SOARES, 1990, p. 182).

Na crítica sobre as correntes reducionistas e dos modelos organicistas e funcionalistas deles decorrentes, os quais apartam o indivíduo, a concepção de saúde e a própria prática da Terapia Ocupacional das condições estruturais da sociedade que condicionam a doença e as questões assumidas pela profissão,

Soares (1990) denominou como práxis unitária um conjunto introdutório de concepções e instrumentalizações práticas dispostas a enfrentarem o atrelamento ideológico da burguesia nos objetivos da prática profissional.

A apropriação técnica do trabalho na forma de atividade humana pela Terapia Ocupacional foi questionada, do mesmo modo o tecnicismo da sua prática que minimiza o protagonismo da pessoa e coletividades, logo que a aliena direta ou indiretamente. O processo de cuidado foi pensado sob novas possibilidades práticas ante a lógica do capital. A relação terapêutica buscou ser reestabelecida "em busca de uma ação profissional para e com a clientela (...), onde a democratização atinja níveis de decisão e acesso ao conhecimento técnico terapêutico" (SOARES, 1990, p. 200) assumindo um enfoque técnico integrado e crítico nos programas terapêuticos atuantes com as pessoas também sobre os elementos das determinações das suas necessidades sociais e de saúde.

Pela apropriação deste domínio técnico o paciente pode ser transformado, de mero receptor de uma ação abstraída de seu contexto e saber, em agente de seu plano terapêutico, autor de sua prática. Um ser humano íntegro, consciente de sua práxis, que identifica suas necessidades e busca respostas às suas demandas, sendo atuante em seu meio social (...) O caráter transformador, criativo da práxis, resgatado pelo movimento conjunto de terapeutas e clientes, virá superar o caráter abstrato e alienante da atividade terapêutica tradicional propugnada pelos modelos reducionistas (SOARES, 1990, p. 200-201)

Num outro nível de intervenção, a terapeuta ocupacional deve se aliar às demais trabalhadoras e trabalhadores da saúde na conquista de espaços nas suas instituições e na luta pela hegemonia da classe trabalhadora na sociedade civil "(...) com vistas a obtenção do espaço governamental para o exercício do poder vinculado a uma transformação radical da base econômica" (SOARES, 1990, p. 38), em Marx, a sociedade comunista.

E, ao que parece, foi a presença e participação de terapeutas ocupacionais nas lutas por melhores salários e condições de trabalho, a organização popular pela saúde e democracia, que afirmaram a terapia ocupacional de orientação materialista histórica. O estudo de Jussara de Mesquita Pinto (1990), *As correntes metodológicas em terapia ocupacional no Estado de São Paulo (1970-1985)*, apresenta importante descrição sobre as formas de trabalho das terapeutas ocupacionais sob as novas demandas colocadas pelo mercado de trabalho pela classe trabalhadora, quase sempre incompatíveis às ofertas das políticas de saúde do Estado burguês, em uma conjuntura de intensas lutas de classes na capital econômica do país daquele tempo. Naquelas lutas, terapeutas ocupacionais assumiram um lado:

(...) ao lado da população oprimida e contra um sistema de exploração, a terapeuta ocupacional, preocupada em não apenas reabilitar o seu cliente, mas também em encontrar uma solução

efetiva para os seus problemas, passou a buscar um modelo que superasse as contradições da terapia ocupacional (PINTO, 1990, p. 69).

A inserção profissional da trabalhadora reabilitada e das frações da classe trabalhadora com deficiência e em conflitos com a lei, bem como a “desigualdade existente no aproveitamento das benesses da economia capitalista”, em outras palavras, a desigualdade na distribuição das riquezas para a classe trabalhadora produzidas pela exploração da sua força de trabalho, foram questões assumidas nos processos de intervenção profissional. Nas palavras de Pinto (1990, p. 70): “(...) tratava-se de trazer a vida real da sociedade (e não mais só a do indivíduo e da família) para dentro do atendimento visando a sobrevivência desse cliente no mundo social e defesa dos interesses do cliente mantém-se solidário a este”.

A corrente de terapeutas ocupacionais críticas e materialistas que se constituía nas lutas políticas e nos engajamentos de classe dentro e fora dos serviços assistenciais defendeu um processo de intervenção com a pessoa e a sua coletividade pressupondo, na manifestação aparente dos seus acontecimentos clínicos e ocupacionais, a existência de elementos condicionantes das suas situações, cujo lastro se encontra nas relações sociais da sociedade, nos conflitos de classe, nas formas de controle ideológico e de exploração da burguesia à classe trabalhadora.

Esta corrente rompeu, assim, com a postura técnico-científica de neutralidade do processo de intervenção. As ciências que fundamentaram as teorizações e práticas da Terapia Ocupacional foram balizadas e reconstruídas de forma que a profissional melhor apreendesse o seu objeto, e tivesse um maior envolvimento com as problemáticas e formas práticas das pessoas de forma a melhor pensá-la e oferecer intervenções que superassem os “limites do próprio ato terapêutico” (PINTO, 1990, p. 78) comumente pautados na promoção de autonomia para as atividades humanas cotidianas, mas articulada a um projeto de luta maior.

A CMHTO “ao trabalhar materialista-historicamente a profissional opta pelo papel transformador o que significa atuar em diferentes frentes além do seu campo específico de atuação em local de trabalho junto com outras forças da comunidade” (PINTO, 1990, p. 77), portanto “em solidariedade com o cliente e sua classe” (PINTO, 1990, p. 78). É a terapeuta ocupacional que se reconhece como fração da classe trabalhadora, e com a sua classe atuante sobre as necessidades particulares e interesses gerais, no desenvolvimento das condições materiais dos grilhões do capital para a emancipação humana.

Os materiais de Francisco (1988), Soares (1991) e Pinto (1990) são complementares sobre a apreensão da constituição da Terapia Ocupacional na e para a ordem do Capital. Daí o movimento de ambas as autoras, a partir da manifestação aparente da assim chamada crise do papel e da prática profissional da Terapia Ocupacional brasileira nos idos 1980, identificarem as contradições teórico-instrumental-metodológico das ciências que sustentavam a profissão, na intenção de redirecionar o seu escopo

epistemológico para a às reais necessidades práticas das pessoas e coletividades (frações da classe trabalhadora).

Nosso estudo reconheceu que as autoras avançaram na defesa da atividade não como uma forma prática ao conceito de ocupação, mas como categoria essencialmente humana, e a partir dela novos movimentos de fundamentação crítica para a Terapia Ocupacional. A CMHTO buscou assim reorientar as suas técnicas para efetiva participação das profissionais na vida real e concreta das pessoas e seus coletivos, para além da democratização das instituições, com atuação também sobre os elementos de determinação dos seus processos saúde e doença, necessariamente de enfrentamento ao capitalismo. Ainda que incipientes, o modelo proposto por Francisco (1988), e as orientações práticas elaboradas por Pinto (1990), a partir do estudo empírico com terapeutas ocupacionais engajadas nas lutas sociais, foram marcos desta intencionalidade.

A atualidade dessas obras se apresenta justamente pelo fato do MHD, enquanto forma de apreensão e intervenção sobre a realidade na CMHTO, possibilitar elucidar e intervir sobre as contradições ainda presentes entre os fundamentos e práticas da Terapia Ocupacional na conjuntura social e da saúde no Brasil. Os atuais escopos epistemológicos hegemônicos anglo-saxônicos, atualmente manifestados nos modelos baseados no paradigma da ocupação (Kielhofner, 2006), continuam a orientar práticas sobre a aparência dos problemas ou dificuldades ocupacionais da pessoa e/ou de coletividades em algum dos serviços conciliatórios e mediadores de tais lutas pelo Estado. No âmbito latino-americano, o debate contra hegemônico sobre as identidades, epistemes e práticas das muitas Terapias Ocupacionais do Sul (Algado et al, 2016) e, no Brasil, as abordagens e teorizações presentes no reconhecido Campo Social avançaram em novos eixos de fundamentação e, positivamente, tem reorientado tecnicamente à profissão para a intervenção sobre os elementos de determinação das ocupações. Contudo, sob o marco das escolas pós-estruturalistas, do construtivismo, do pensamento complexo e da decolonialidade, a partir de seus pressupostos acerca da ciência, dos direitos humanos, cidadania e participação social, os fundamentos, abordagens e práticas da Terapia Ocupacional daí construídas parecem não assumir efetivamente à superação das relações sociais capitalistas para a real e efetiva emancipação da sociedade ainda que sob o aspecto ocupacional (Godoy-Vieira et al, 2020). Neste caminho, a CMHTO oferece significativa composição.

#### **4. Conclusão**

No fundamento da CMHTO, o materialismo histórico de Marx e Engels é uma forma necessária de apreensão das questões assumidas pela Terapia Ocupacional e da sua própria constituição na realidade concreta da sociedade, ou seja, a partir dos seus elementos internos, suas contradições e movimentos sob a base material das relações de produção. Nesta, a terapêutica ocupacional é prática constituída historicamente, portanto síntese de múltiplas determinações com abertura para a ação técnica sobre as problemáticas da ordem do capital.

A nosso ver, o debate crítico material e histórico na Terapia Ocupacional é urgente. A reconstrução da CMHTO a partir das categorias trabalho, produção capitalista, mercadoria, hegemonia, ideologia, consciência de classe, práxis e luta de classes manifesta um chamado para as nossas bases acadêmica e profissional se recolocarem críticas e combativas à atual forma do capitalismo que molda os elementos da determinação das questões sociais e de saúde demandadas pela classe trabalhadora aos serviços em que estamos envolvidos. A ordem do capital continua a expropriar as atividades humanas e a subsumi-las aos interesses de sua acumulação - incluso as ciências que fundamentam os domínios e os processos da Terapia Ocupacional.

“A quais necessidades sociais estará a terapia ocupacional respondendo atualmente? Qual a função político-ideológica contemporânea desta prática de saúde? A terapia ocupacional responde ou pode vir a responder às necessidades da classe trabalhadora?” (SOARES, 1990, p. 16) são questões ainda pulsantes das teorizações oferecidas pela CMHTO à nossa base acadêmica e profissional.

## Referências

- Algado, S. S., Alejandro Guajardo Córdoba, Oliver, F. C., Galheigo, S. M., & García-Ruiz, S. (Orgs.). (2016). *Terapias ocupacionales desde el sur: Derechos humanos, ciudadanía y participación* (1o ed). Editorial Universidad de Santiago de Chile.
- Barreiro, R. G., Borba, P. L. de O., & Malfitano, A. P. S. (2020). Revisitando o materialismo histórico em terapia ocupacional: O papel técnico, ético e político na contemporaneidade. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(4). <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoRE1950>.
- Bezerra, W. C., & Trindade, R. L. P. (2013). A Terapia Ocupacional na sociedade capitalista e sua inserção profissional nas políticas sociais no Brasil. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, 21(2), 429–437. <https://doi.org/10.4322/cto.2013.045>.
- Cotrim, G., & Fernandes, M. (2016). *Fundamentos de filosofia* (4<sup>o</sup> ed). Saraiva.
- Francisco, B. R. (1988). *Terapia Ocupacional*. Papyrus.
- Galheigo, S. M. (1990). *Terapia ocupacional: A produção do conhecimento e o cotidiano da prática sob o poder disciplinar: Em busca de um depoimento coletivo* [Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas].
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6o ed). Atlas.
- Godoy-Vieira, A., Soares, C. B., & Cordeiro, L. (2020). Occupation and labour: Towards emancipatory practices. In H. van Bruggen, S. Kantartzis, N. Pollard, S. Venkatapuram, & E. Townsend, *And a seed*

*was planted: Occupation based approaches for social inclusion*. (1º ed, Vol. 1). Whiting & Birch Ltd.

Gramsci, A. (1980). *Maquiavel, a política e o estado moderno*. Civilização Brasileira.

Gramsci, A. (1981). *Concepção dialética da história*. Civilização Brasileira.

Kielhofner, G. (2006). Fundamentos conceptuales de la terapia ocupacional. Médica Panamericana.

Lima, T. C. S. de, & Mioto, R. C. T. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: A pesquisa bibliográfica. *Revista Katálysis*, 10(spe), 37–45.

<https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>.

Lopes, R. E. (1991). *A formação do terapeuta ocupacional: O currículo: Histórico e proposta alternativas*. [Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Carlos].

Marx, K. (2009). *Manuscritos econômico-filosóficos*. Boitempo Editorial.

Marx, K. (2013). *O capital: Crítica da economia política* (Vol. 1). Boitempo.

Marx, K., & Engels, F. (2007). *A ideologia alemã* (1º ed). Boitempo.

Medeiros, M. H. da R. (2003). *Terapia ocupacional: Um enfoque epistemológico e social*. EdUFSCar Hucitec.

Nascimento, B. A. do. (1986). *A "saúde" e a saúde* [Impresso].

Netto, J. P. (2011). *Introdução ao estudo do método de Marx*. Expressão Popular.

Pinto, J. de M. (1990). *As correntes metodológicas em terapia ocupacional no Estado de São Paulo (1970–1985)* [Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Carlos].

Shimoguri, A. F. D. T., & Costa-Rosa, A. da. (2017). Contribuições do materialismo histórico para a terapia ocupacional: Uma análise dialética do fazer e da generacidade humana. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.*, 1(5), 704–720.

Soares, L. B. T. (1991). *Terapia ocupacional: Lógica do capital ou do trabalho?: retrospectiva histórica da profissão no Estado brasileiro de 1950 a 1980*. Editora Hucitec.

Vásquez, A. S. (1977). *Filosofia da práxis*. Paz e Terra.

**Contribuição dos autores:** B. S. B. M.: Elaboração, investigação, revisão do texto, supervisão. N. G. C. A.: Elaboração, investigação, revisão do texto.

**Recebido em:** 28/02/2022

**Aceito em:** 29/08/2022

**Publicado em:** 30/11/2022

**Editor(a):** Alessandro Rodrigo Pedroso Tomasi